

**Bloco III: PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM PERFORMANCE: O(A)
PROFESSOR(A) *PERFORMER***



Foto de Bob Sousa do espetáculo *Luís Antônio-Gabriela*, dirigido por Nelson Baskerville, apresentado pela Companhia Mungunzá de Teatro. Em cena, Marcos Felipe no papel de Luís Antônio e Gabriela.

Texto de apresentação do terceiro dia de encontros: *desenforma*

por Milene Valentir Ugliara³¹

Processos pedagógicos em *performance* na pauta do último dia de encontro. Diante de questões referentes à forma, ao corpo, às relações com o outro e com a noção de “junto”, formuladas nos dias anteriores, tentei me deslocar do papel consagrado de “mediadora da mesa” em busca de um desafio: propor ao público e aos convidados uma nova configuração do espaço que melhor os agradasse, uma vez que as arquibancadas eram modulares e possuíam rodas; com a movimentação, criou-se um espaço circular, e os convidados acomodaram-se entre os participantes – redução das distâncias.

Naira Ciotti refletiu sobre o híbrido professor-*performer*. Apresentou referências brasileiras em *performance* alimentadas pelas experiências de Lygia Clark e de Hélio Oiticica; sobre as influências estrangeiras, propôs canibalizar questões e críticas para nosso contexto. Para ela, o professor-*performer* atua também na micropolítica, e o processo educativo ocorre entre os dois: o professor e o *performer*, o regional e o estrangeiro, ou mais elementos envolvidos, bem como na retroalimentação que se dá entre eles.

115

Carminda Mendes André, trajando pijama, referindo-se a uma intervenção realizada por ela, trouxe um subtexto: em que lugares nos sentimos “em casa”? Apontou para a “sociedade de controle” que permeia as relações dentro do espaço institucional e fora dele, e, diante disso, ela falou sobre a importância de se intervir no entorno e dentro do espaço institucional, à procura do contrafluxo, do diálogo, da resignificação das relações.

Mariana F. M. Monteiro trouxe suas vivências na cultura popular. Onde estaria a performatividade nesse campo? Na temporalidade cíclica e na quebra da mania do novo – fazer o mesmo com novidade –, no viver comunitariamente a festa e não transformá-la em objeto estético ou obra acabada, nos agenciamentos para a convivência e no “fazer fazendo”.

Por fim, Marcos Bulhões discorreu sobre a *performance* no Brasil

³¹ *Performer* e arte educadora, atua principalmente com intervenção urbana, vídeo e xilogravura. É integrante do Coletivo Mapa Xilográfico desde 2006. Atuou no Grupo Alerta! de intervenções urbanas de 2004 a 2008. É mestranda do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp) com pesquisa na área de arte educação.

e as influências oriundas também das culturas indígena e popular, em contraposição à crítica que seria unicamente uma estética importada dos Estados Unidos da América e que, portanto, traria consigo a ideologia dominante. Diante dessa questão, Bulhões atentou para o ato estético/ético que transcende a forma, pois tanto a *performance* quanto qualquer outra manifestação artística podem apontar para a ideologia dominante, ou para o discurso redentor da “iluminação” das consciências ou, diferente disso, podem buscar a comunicação com o outro e o compartilhar da experiência.